



ii

**Resenha: SATRAPI, Marjane. Bordados. Tradução de Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.**

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v11i20.45788>

**Fernanda Gabrielly Terra Moura<sup>1</sup>**  
**Evelyn Morgan Monteiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Fernanda Gabrielly Terra Moura. Especialista em Tecnologias Digitais Aplicadas ao Ensino pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro - campus Arraial do Cabo. É membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI) do IFRJ - campus Niterói. Professora da rede privada da Região dos Lagos-RJ e também do Pré-Vestibular Social Pré-J, Brasil. E-mail: fernandaterramoura@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-2263-2482>

<sup>2</sup> Evelyn Morgan Monteiro. Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). É membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena (NEABI) do IFRJ - campus Niterói. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Arraial do Cabo (IFRJ-CAAC), Brasil. E-mail: evelyn.morgam@ifrj.edu.br

**Texto recebido em 06/09/2020, aceito para publicação em 12/10/2020 e disponibilizado online em 01/03/2021.**

A escrita em forma de *quadrinhos* não é um fenômeno recente, data de fins do século XIX nos Estados Unidos. Muitos gibis se tornaram mundialmente famosos por contarem histórias fantásticas de super-heróis combatendo vilões, outros por atraírem o público infantil e as aventuras próprias dessa fase. Existe dentro do universo das HQs (histórias em quadrinhos) um gênero narrativo chamado *graphic novel* (romance gráfico), cuja estrutura é mais densa e complexa do que as tradicionais publicações no gênero. É nesse estilo de escrever em prosa, mas lançando mão também da narrativa imagética que se insere o trabalho de Marjane Satrapi, autora de "*Bordados*".

Não é possível, porém, falar sobre "*Bordados*" sem explorarmos a biografia de sua criadora e algumas de suas obras anteriores. Marjane Satrapi nasceu no Irã em 1969, atualmente erradicada na Europa, teve sua juventude marcada pelos acontecimentos da Revolução Iraniana. De família liberal e politicamente de esquerda, passou parte da adolescência na Áustria e, aos 24 anos exilou-se na França após

um período de retorno ao seu país de origem para estudar belas-arts. Sua obra mais famosa "*Persépolis*"<sup>3</sup> (2000) é uma autobiografia que narra suas experiências pessoais em constante diálogo, ou conflito, com o cenário político iraniano da revolução islâmica e mudanças advindas desse novo modelo político, sobretudo no que se refere à vida das mulheres.

Diferente da abordagem política mais aberta que é proposta em "*Persépolis*", "*Bordados*" traz um discurso mais intimista, mas nem por isso menos relevante para os debates atuais sobre as narrativas femininas. Lançado inicialmente em 2003, o livro também é feito de memórias autobiográficas, não tão dramáticas como em "*Persépolis*", mas que discute temas significativos com uma prosa muito divertida. Uma *graphic novel* com cenários mais abertos sobre sexualidade feminina no mundo islâmico do que as mentes ocidentais costumam imaginar.

O livro é composto por duas partes, o prólogo e posteriormente um conjunto de anedotas narradas por

---

<sup>3</sup>"*Persepólis*" foi adaptado para o cinema e foi indicado ao Oscar de melhor animação estrangeira em 2007.

mulheres da família, próximas ao círculo familiar da autora ou sobre outras personagens femininas de conhecimento desse grupo. O prólogo explica o que esse momento de encontro significa: após as refeições os homens se deitavam para a sesta e, em volta do *samovar* – tradicional bule iraniano – as mulheres se reuniam para tomar chá.

A parte seguinte, e mais densa da obra, traz um compilado de histórias oriundas da “conversa” como um momento de “ventilar o coração” – falar dos outros pelas costas, nas palavras da avó de Satrapi. É interessante destacar a centralidade do papel da avó de Marjane, ela é a que organiza o momento feminino, não só porque está em sua casa, mas porque delega as funções, inicia a conversa, é, portanto, uma figura de referência para as demais mulheres.

A figura da avó da autora é central em sua obra. Ela é a matriarca com a experiência de três casamentos, também conselheira e acolhedora, é representação da trança entre tradição e modernidade. Na narrativa, Marjane é a neta que tem a tarefa de sempre preparar o *samovar* para a avó, ela também é a mulher mais jovem do

grupo, a que escuta atenta aos casos relatados como um aprendizado.

Durante as conversas para “ventilar o coração”, as personagens vão além, elas se abrem umas às outras sobre relações amorosas e sexualidade, narrando histórias próprias e ou de amigas. Personagens que, apesar da proximidade, carregam consigo relatos tão plurais. Trata-se de um mundo no qual costumes de uma sociedade tradicional se imbricam com atitudes progressistas e de rebeldia (no qual tradição e modernidade se imbricam), passando pelo uso do ópio por personagens mais velhas, dramas sobre o casamento pelas mais jovens, divórcios, amores e amantes fora do casamento e formas de resistência sobre o papel das mulheres nos relacionamentos afetivos.

Pela narrativa que o livro nos oferece, cremos que o *samovar* se constitui não apenas em um momento de trocas, senão em um espaço de ensinamento cultural e também de incentivo à transgressão de práticas impostas por aquela sociedade liderada por homens e de caráter machista, mesmo que, na maioria dos casos a transgressão não esteja à luz dos olhos.

Através de traços simples em preto e branco, mas muito expressivos, Satrapi descreve o momento cultural iraniano do chá de forma que um encontro para focar se converte em um espaço de possibilidades pedagógicas onde é possível aprender com os erros e acertos das outras mulheres para sair de situações difíceis imposta pela cultura conservadora. Ela narra as aventuras da trisavó moderna e artista, que fugiu de um casamento infantil, teve inúmeros romances no estrangeiro e tornou-se amante de membro da alta sociedade ao mesmo tempo em que conta a história de uma parente, casada e mãe de quatro filhas, mas que nunca viu um pênis em toda sua vida.

Interessante observar que apesar de pertencerem a famílias ricas, a posição socioeconômica não as deixa escapar das amarras sociais impostas aos atores femininos daquela sociedade. "Bordados" nos apresenta, em contrapartida, um universo educacional não formal no qual essas mulheres encontram brechas para a educação cultural tradicional que lhes é imposta. Elas criam suas próprias táticas de sobrevivência e novas

possibilidades de existências através dos ensinamentos que ali circulam. O ato de bordar, tão simbolicamente ligado ao universo feminino, tece tramas de resistência. O "bordado" faz referência a uma dessas transgressões, pois "fazer um bordado" é uma metáfora para a prática de reconstituição do hímen, numa sociedade onde a garantia da virgindade feminina é essencial para a manutenção da honra das mulheres e das famílias.

O livro se encerra com uma cena na qual o avô de Marjane acorda da sesta, ouve algumas palavras soltas da conversa, tenta interagir com e naquele universo feminino, mas é interpelado por sua esposa que o retira da sala. É a fronteira de demarcação que indica o *samovar* como um espaço de trocas e educação de mulheres, onde as figuras masculinas não podem intervir.

"Bordados" é leitura prazerosa que nos deixa ávidos por mais histórias. É obra recomendada pois apresenta situações de quebra de paradigmas culturais conservadores, episódios de resistência à cultura machista dominante e um caráter duplamente decolonial à medida em

que se trata de uma mulher iraniana narrando experiências de outras mulheres iranianas. E, finalmente, traz à tona a importância da demanda por espaços informais de educação para a construção de indivíduos como alternativa ao modo tradicional de educação e compartilhamento/imposição de práticas culturais.